

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário da Tarde Class.: 112
 Data 14/10/95 Pg.: _____

4468 MATEMÁTICA
Cientista desenvolve método para educar povos indígenas

Gabriel de Paiva



Marineusa Gazzetta: "Índios têm dificuldade em entender a subtração"

A matemática Marineusa Gazzetta, da Universidade de Campinas — Unicamp — e consultora científica do Nimec — Núcleo Interdisciplinar para Melhoria do Ensino das Ciências — fez palestra no Instituto Newton Paiva sobre a Etnomatemática, a técnica de conhecimento de um determinado grupo cultural, e sobre o trabalho que vem desenvolvendo junto a várias nações indígenas do País.

Esse trabalho, desenvolvido pelo Nimec, que reúne profissionais de todas as áreas, consiste na formação de professores para atuar nas escolas instaladas dentro das aldeias indígenas, seguindo os princípios da Etnomatemática, ou seja, o ensino dentro das parâmetros culturais de que o está recebendo.

Até o momento, apenas um curso de formação — professor de 1ª a 4ª série — foi ministrado, dentro do Projeto Inajá, do Nimec, com início em 88, término no ano passado e a diplomação de 136 dos 160 alunos que se dispuseram a fazê-lo, entre eles, três índios. "Depois, com a mudança de governo, passamos a encontrar dificuldades para a continuidade do projeto. Esse único curso foi resultado de convênio entre o Nimec, quatro prefeituras da região do Médio Araguaia e a Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso, e teve repercussão internacional", diz a professora.

Marineusa Gazzetta explicou que o Conselho Nacional dos Seringueiros e a Universidade Federal do Acre estão interessados em convênio com o núcleo. Ela retornou recentemente da Guiné-Bissau, onde desenvolveu trabalho semelhante junto com o Instituto Nacional para Desenvolvimento na Educação — Inde — do Ministério da Educação da Guiné, e afirma que existe solicitação de trabalho nesse sentido no Mato Grosso do Sul, na região dos índios Guarani, onde se verifica uma onda de suicídios entre os componentes daquela nação indígena.

O trabalho

Quase todas as aldeias indígenas brasileiras estão muito próximas dos brancos, ou não-índios, e querem escolas como as dos brancos. Uma exigência das tribos e o aprendizado do português — para se comunicarem — e da Matemática — para atuar no comércio e na delimitação de áreas. Esses conhecimentos, entende a professora Marineusa Gazzetta, são um direito dos índios, "mas, junto a isso, eles precisam adquirir o conhecimento crítico, se não correm o risco de pensar que tudo deles não presta, e que o que é bom

vem do não-índio. O objetivo do nosso trabalho é estabelecer uma relação dialética, um conhecimento cultural indígena/branco", diz, explicando que nesse processo de educação procura-se ensinar a língua indígena e o português, usando, em todas as matérias, os parâmetros da cultura original indígena.

"Eles querem aprender a fazer contas — todas as operações matemáticas —, porcentagem, quilômetros, e questões orçamentárias. Um exemplo de como se deve observar sua própria cultura é a subtração. Você tem um tanto, tira um pouco e sobra outro tanto. Eles não têm o costume com essa sobra, em termos práticos, porque usam tudo o que têm, e pescam e caçam para comer, então, ao ensinar a operação, usamos o tempo, levando em consideração que o tempo entre eles, é medido por noites, assim como a distância", explica Marineusa Gazzetta.

Os índios enfrentam, também, muitos preconceitos por parte dos não-índios, chamados "tori" na língua Tapirapé, do Norte do Mato Grosso, e "kupê" pelos Parkatêjê, do Sul do Pará, também conhecidos como "índios-gaviões" ou "índios-ricos". Marineusa Gazzetta trabalhou muito tempo com as duas nações indígenas, e afirma que, em consequência desse preconceito, os índios são sempre desconfiados com relação a qualquer "não-índio".

"O fato de estarem muito próximos dos brancos e não serem respeitados apressa o processo de aculturação. Hoje, os Tapirapé usam rádio de pilha, relógio, tênis, calça jeans e outros artigos de não-índios". Os Parkatêjê — indenizados pela Eletronorte, no Vale do Tucuuruí, onde suas terras foram cortadas pelas linhas da empresa, e pela estrada de ferro Carajás — moram em casas de alvenaria, têm televisão, geladeira, freezer, vídeos e antena parabólica na aldeia, onde as casas estão dispostas em círculo, mas, atrás de cada uma, há uma casa de palha onde eles preferem preparar seus alimentos, na cozinha tradicional.

A perda cultural própria da aldeia foi tão rápida que agora eles estão revendo e discutindo o problema. No currículo da escola, quem não souber a língua Parkatêjê não recebe diploma, segundo determinação do cacique, e, na opinião de Marineusa Gazzetta, falta ao branco também aproveitar os conhecimentos dos índios em várias áreas, como, por exemplo, na agricultura, onde, para eles, inexistente o uso de agrotóxicos, e na etnofarmacologia. "Vencer os preconceitos e trocar informações, sem perda da identidade cultural", conclui a professora.